CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR
ELISEU GABRIEL – PSB

JUSTIFICATIVA – PDL 0059/07

Quinto filho de Chicrala Bichara, que chegou ao Brasil com passaporte turco e da campista Leopoldina Maria da Cruz, Juarez da Cruz, nasceu na cidade de Campos dos Goitacases, Estado do Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1930. Seus outros irmãos: Maria Clara, Leila, Loli, Salvador, Carlos Augusto e Laila.

Campos era grande produtora de açúcar, o ambiente rural conservava as tradições herdadas dos antepassados negros; candomblé, umbanda, o jongo. O carnaval era maravilhoso, enchia os olhos de alegria do pequeno Juarez, blocos, ranchos, índios, corso, blocos de clubes e as escolas de samba, animavam as ruas, na década de 40.

Aquele carnaval alegre e popular moldaria o espírito do homenageado e a formação da personalidade do respeitável sambista, que a cidade de São Paulo conheceria a partir de 1948, quando aqui chegou. Veio a procura do irmão Salvador, que estava morando há tempos em São Paulo.

Dias difíceis em busca de qualquer trabalho nas ruas do Triunfo, Andradas, Avenida São João, onde se concentrava as casas de tolerância e o reduto da boemia, noites frias passadas nos bancos do Parque da Luz. Considera-se um vencedor, porque os dias passados no antro do pecado não o contaminaram com os vícios e hábitos da malandragem. Com modo de ser preso conseguiu um emprego de ajudante de açougue na Alameda Barão de Limeira, amigos o levaram para outro açougue na Loja Atômica, Rua Julio Conceição, onde trabalhava e dormia, foi ali que aprendeu a profissão de açougueiro.

Decidido a continuar a viver em São Paulo, em 1953 casou-se com Leni, uma moça, que vivia sozinha, vinda de Colina, no interior do estado, foram morar na parte de cima do açougue. Em 1954 nasceu à primeira filha, Cristine, depois vieram, Charles, Carlos, Clara, Claudia e Cássia. Juarez no açougue e Leni davam pensão paras rapazes.

Em 1955, Juarez, começou a trabalhar no Super Mercado Peg Pág, já como profissional no setor de açougue.

Alegre e satírico, o bloco formado, com os irmãos, em 1952, lembrando Campos, continuou a participar do carnaval. Em 1957 criticando a extinção da zona do meretrício pelo Governador Lucas Nogueira Garcez, e o prefeito Jânio Quadros, que exaltava o trabalho de recuperação dos bondes, levavam uma faixa, onde se lia: "Bloco das Mariposas Recuperadas do Bom Retiro".

Em 1963, fantasiados de palhaços, o bloco passou diante do palanque da Rádio América e foi saudado pelo locutor Paulo Rogério como um bloco muito alegre, Zé Maria tocava cuíca, Osvaldo pandeiro, Carlos surdo, Cássio tamborim e Juarez caixa, na frente iam os travestis, que animavam espontaneamente o carnaval.

Após o desfile, sentados na Rua Conselheiro Crispiniano, o grupo decidiu dar nome ao conjunto, foi lembrado o Bloco Mocidade Louca de Campos, mas a escolha foi por Mocidade Alegre da Vila Mariana.

Começa neste momento, de maneira simples e bem humorada, a trajetória da escola de samba que mudaria os rumos do carnaval paulistano.

Em 1964 o novo diretor do Peg Pag, François, desejando conhecer o carnaval no Brasil, convidou Juarez para levar seu grupo à sua residência na City Jardins. Para esta exibição incluíram as esposa e filhos, fantasiados de gregos.

Entusiasmado com o bloco François ofereceu a colaboração do Peg Pag para a criação do bloco dos funcionários do Supermercado. Ele mesmo mostrou como fazer as fantasias, com sacos de estopa usados na embalagem de batatas, que foram estampadas em silk screen, e as penas cedidas pelo fornecedor de aves do supermercado, os funcionários foram convidados a sair no bloco.

Em 1965 o Bloco dos Funcionários do Peg Pag desfilou fantasiado de índio asteca, com mais de 60 pessoas. Em 1967 saíram de gladiadores, com couraça de napa e capacetes fabricados pela Estrela, fácil de encontrar nas lojas.

Após o carnaval, os cardeais do samba, nome dado aos sambistas pioneiros, Nenê, Inocêncio, Pé Rachado, Xangô de Vila Maria e Madrinha Eunice resolveram criar uma entidade juridicamente constituída para receber a subvenção e organização do carnaval paulistano. Moraes Sarmento no seu programa "Almoço à Brasileira" na Rádio Bandeirantes, convidava os grupos carnavalescos para mostrar ao prefeito que havia número suficiente de agremiações para organizar os desfiles de carnaval.

Ouvindo o chamado, Juarez, Laila e seus familiares foram à reunião no salão do Paulistano da Glória, para fazer a inscrição do Bloco Mocidade Alegre na Federação.

Em 1968 o Bloco Mocidade Alegre tornou-se campeão com o enredo Festival Indígena e em 1969 com o enredo Corte de Nero, aproveitando fantasias antigas.

Em 1970 resolveram participar como escola de samba e foi campeã, com o enredo Zumbi dos Palmares de Raquel Kambinda.

Em 1971, no Grupo I, com o enredo São Paulo e Seus Carnavais de Álvaro Ribeiro e samba enredo de Odair Fala Macio e João Dionísio, foi novamente campeã, enfrentando as agremiações mais fortes e tradicionais como: Nenê de Vila Matilde, Unidos do Peruche, Império do Cambuci, Unidos de Vila Maria, Acadêmicos do Tatuapé e Lavapés, e os antigos cordões, transformados nas escolas de samba Vai-vai, Camisa Verde e Branco e Fio de Ouro. A vitória mostrava a inclinação da escola pelos temas da História de São Paulo, a qualidade do samba enredo e a maneira alegre e descontraída de desfilar, em oposição ao jeito antigo das agremiações tradicionais.

Em 1972, foi novamente campeã com o enredo São Paulo Seresta e Samba, de J. Muniz Jr e samba de Beto, a Mocidade surpreende com a nova evolução e o uso de ráfia, idéia extraída de grupos de folclore japoneses.

Adotando novo estatuto, surge o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Alegre, com as cores Verde, Branco e Vermelho, a bandeira desenhada por Pedro Tambelini.

As escolas de samba de São Paulo improvisavam a montagem dos desfiles copiando fantasias publicadas nas revisas O Cruzeiro e Manchete. Laila, irmã de Juarez, descobre no Rio o carnavalesco Edson Machado, que cuidou da montagem, em 1973, de um desfile deslumbrante com enredo inovador: Odisséia de uma Raça, as alegorias e fantasias narravam a trajetória de Zumbi, Chico Rei e Chica da Silva.

O tri-campeonato consagrou a Mocidade Alegre como o divisor de época no Carnaval Paulistano, e a contribuição de Edson Machado ressaltou a necessidade do carnavalesco para o desenvolvimento estético dos desfiles de carnaval. A agremiação desenvolveu um programa de produção de uma escola de samba, que a cidade ainda não conhecia. A pesquisa para montagem do enredo, a criação da ala de compositores, a formação dos sambistas e a participação das crianças, desenvolvimento dos artesãos e técnicos na preparação de fantasias e alegorias.

A Mocidade Alegre, sob a direção de Juarez da Cruz, tornou-se o ponto de encontro de sambistas, recebendo caravanas do Rio, que traziam a São Paulo, experiências e incentivos. Realizando shows, descobrindo talentos. Pela escola passaram muitos novos carnavalescos e compositores. Na parte administrativa, era respeitada como modelo. Na convivência com a comunidade do samba, foi criado o do diploma de Sambista Imortal, da noite da Imprensa, que antecipava os desfiles de carnaval e muitas comemorações.

A Juarez da Cruz são creditadas outras iniciativas, como: a fundação da União das Escolas de Samba Paulistanas, iniciada na quadra da Mocidade Alegre, com o propósito de recuperar o respeito e o direito de representar as escolas de samba, junto aos poderes públicos, prejudicadas pela atuação fraudulenta da Federação. Mais tarde sua atuação foi decisiva na criação da Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo sendo seu primeiro presidente em 1985.

Juarez da Cruz esteve na presidência da Mocidade Alegre desde a fundação em 1967 até 1993. Em 1994 foi proclamado Presidente de Honra.

Viúvo desde 1988, relacionou-se com Regina, do qual nasceu Vinicius e, posteriormente com Márcia, do qual nasceu Caio. Atualmente vive com Suely, em Itaquera.

Mais que os cinco títulos de campeã, que deu à Mocidade Alegre, Juarez da Cruz deixou sua marca de sambista dirigente, sempre trabalhando com seriedade, honestidade e respeito às tradições da cultura popular. Relevante é a sua contribuição para a reinvenção do Carnaval Paulistano, agregando sambistas e profissionais de todas as áreas artísticas.

Juarez da Cruz criou a Escola de Samba Mocidade Alegre, instituição carnavalesca tão vencedora quanto ele mesmo, por isso merece o título de Cidadão Paulistano por ter também escolhido São Paulo como continuação de sua cidade natal.